

Ponto de Partida

Professora *Emília Martins Velloso*

"Tenho para minha vida
A busca como medida
O encontro como chegada
E como ponto de partida"
(Gianfrancesco Guarnieri)

Sexta-feira, 13 de setembro de 1991. Tomo conhecimento de que minha aposentadoria havia sido publicada no *Diário Oficial da União* no dia 10. Uma tumultuada mistura de sentimentos e a certeza de eu não me sentir desligada desta Faculdade. Os 26 anos em que minha vida tem se confundido com ela tornaram-na indissolúvelmente parte de mim e nem a aposentadoria consegue romper este vínculo.

Em vez de falar do passado, eu quero pensar no futuro, preocupar-me com o vir-a-ser da Faculdade de Educação da UFC, "um futuro verdadeiro que não é nem passado, nem presente mas uma verdadeira criação, participação na invenção do futuro", como diz Garaudy (*Parole d' homme*). Sinto que sou o passado e o presente desta Faculdade e ela é meu presente e meu passado, quando a trago em mim; mas tento romper com os condicionamentos quando "deixando o que é velho – o passado – busco o futuro – a juventude". Aposentando-me, sinto contribuir com a renovação da Faculdade e com a construção do seu futuro e creio - "crer é aceitar a surpresa!" - que ela romperá os seus condicionamentos passados e construirá algo novo – a construção contínua de uma verdade coletiva que

não é "minha" nem "sua", mas nossa e essa parece ser a verdadeira necessidade da Faculdade de Educação agora.

Um turbilhão de sentimentos me invade desde junho, quando comecei a planejar a aposentadoria, e a reflexão sobre a vida, acerca do término de uma prática profissional que culminou com administração da FACED. Esses sentimentos foram percebidos, então, por uma colega e querida amiga que, em carta do dia 23 de julho, assim se referia:

As suas últimas cartas são tão lindas, que imagino ser esse, um momento muito importante de sua vida. É como se você resgatasse a filósofa que o corre-corre da vida burocrática vinha há muito esmagando. Não que você não tenha sabido administrar com sensibilidade! É que a racionalidade requerida pela atividade administrativa superpõe-se ao livre pensar e sentir. Aproveito a ocasião para refletir um pouco sobre o significado da confiança que depus em você e no que você representava, quando decidi apoiar a sua candidatura à Diretoria da Faculdade de Educação. Quero ainda compreender o que a sua ação político-administrativa significou para o coletivo que formamos. Amei desde o primeiro instante, o seu humanismo, a seriedade e a dedicação com que você encarava o trabalho pedagógico. No plano individual, estava diante de alguém com tantas qualidades! Não é necessário falar da sua coragem em desafiar dogmas, preconceitos e ideologias. A sua trajetória de vida o diz muito melhor do que qualquer análise. Como intelectual, estava diante de alguém sempre preocupada em atualizar o pensamento e fazer dele um instrumento de concatenização com o tempo histórico presente, sem que isso significasse puro modismo. No plano político, alguém capaz de resgatar a possibilidade de diálogo profissional e político entre grupos e pessoas fragmentadas e diferenciadas por práticas e princípios teóricos. Ao final do seu trabalho vejo quanto fui feliz na minha escolha, a qual possibilitou também a mim, um amadurecimento profissional, político e existencial, que ainda, não sei, devidamente, dimensionar. Para o conjunto que formamos, possibilitou a explicitação das diferenças, a "publicação" de ideias, de projetos políticos e de intenções. Falar assim, não é entender que o clima social criado, possa ser atribuído à sua ação pessoal e sim, que a sua ação individual representava uma síntese importante do que o coletivo que você representava, exigia. Mas as categorias sociológicas não têm rosto, daí porque

aqui e ali nas práticas sociais, ganham as ações individuais um significado particular. É assim, compreendendo a dinâmica complexa que rege as mediações "indivíduo"/ "coletividade" - que atribuo ao trabalho que você realizou, um valor de foro individual. Tenho orgulho de você Emília, de ter confiado na fertilidade de sua ação pedagógica e digo como aquela canção: "Começaria tudo outra vez... Parabéns!

Ficaria muito feliz se esse sentimento fosse o da maioria da FACED que apostou no meu conhecimento, no meu trabalho e no meu amor por esta Faculdade, e pela educação. Assim, ao concluir essa etapa de minha vida, tomo-a como "ponto de partida" rumo ao futuro que, para mim, é o novo, é a juventude, é a esperança.

É a mesma esperança que tive quando aos 13 anos escolhi trabalhar com a juventude. Eu começava a minha vida de militante na Juventude Estudantil Católica - JEC - descobri que a educação era a forma mais eficiente de "melhorar o mundo" e de dedicar a minha vida em algo importante que ultrapassasse as contingências e que marcasse uma ação no mundo. Por via do "testemunho", do "ver, do julgar, do agir", começa minha vida de "professora", preocupada em "ajudar os outros" e assim substituindo ocasionalmente professoras do Jardim da Infância e do 1º Grau quando chegavam atrasadas ou faltavam, no Colégio Santo Antônio, em Belém, onde estudava. Dediquei-me ao trabalho da Ação Católica e, mergulhando no estudo da Filosofia humanista-cristã, descobri o "humanismo integral" de intelectuais católicos como Jacques Maritain, Chesterton, Fulton Sheen, Bergson, Peguy, Leon Bloy, Mauriac, Claudel e outros. Imbuída de que "o trabalho do estudante é estudar", interessei-me nas lições das coisas ao par das lições dos livros. Na Ação Católica, o trabalho era visto como "construção do mundo" como contribuição do homem na obra de Deus e entreguei-me apaixonadamente a esse trabalho, que, acreditava, tinha suas últimas consequências no serviço dos irmãos. A convivência com intelectuais, operários, enriqueceram-me muito e despertaram-me para a necessidade do "coletivo", "de não

se poder ir além sozinha", mas com os outros. Ao terminar o 2º grau, fiz o vestibular e ingressei na Congregação das Doroteias no Recife. Fui substituir na 4ª série ginasial uma professora queridíssima e quase que minha "vocaçãõ" para professora ia "para o brejo". Consegui superar as dificuldades, "crendo que toda a agressão é uma busca de diálogo", apaixonei-me pela sala de aula e esta passou a ser a minha vida e até a minha condição de equilíbrio. Tímida, tremia só em pensar que falaria em público. No plano pessoal, vencer a timidez, aceitar-me com minhas limitações, foi uma das maiores lutas empreendidas em pelo menos quinze anos da minha vida. Trabalhei depois em Alagoa Grande, na Paraíba, poucos meses, e obtive sucesso. Privilegiava uma dimensão humanista, da escola nova, julgando fundamental conhecer o aluno tanto quanto conhecer os conteúdos a eles ministrados. Graduei-me em Ciências Religiosas, no Recife, e fazia o Curso de Pedagogia quando vim transferida para Fortaleza. Também cursava " Doutrina Social da Igreja". Estudei um ano na Faculdade Católica e por intervenção da profª Lireda Facó, transferi-me para o Departamento de Educação da UFC. Drª Zélia Camurça examinou rigorosamente meu processo e me aceitaram só com as disciplinas cursadas no Recife. Era o ano de 1965. Fui novamente transferida para Belém onde as alunas estavam com problemas. Ia lá passar um ano mas terminei passando três, que, diga-se, foi o período mais rico de minhas experiências no 2º grau. Coordenava o Curso Normal e ensinava disciplinas pedagógicas. O Colégio vivia experiências de "autogoverno", onde o Grêmio estudantil exercia sua incrível liderança, onde os pais interferiam na escola. Foi uma experiência linda aquela do Santo Antônio! Lembro-me até hoje com saudades. Claro que houve dificuldades sobretudo com algumas freiras retrógradas que não aceitavam as inovações. A experiência terminou por intervenção da Superiora maior que nos transferiu a todas. Vim novamente para Fortaleza, continuei meus estudos aqui nesta Faculdade, ao mesmo tempo em que ensinava no Colégio Doroteias. É quando

conheço Estrela, minha aluna no Curso Normal e posteriormente coordenadora do 1º grau do Colégio. Fizemos então um trabalho muito bom realizando projetos de integração do 1º grau com o Curso Normal. Dirigia peças de teatro infantil como "Pluft, o fantasminha", de Maria Clara Machado, com alunas do Curso Normal. O mesmo já havia feito em Belém. Escrevia Autos para as solenidades e encenava-os. Nessa época, quatro pessoas de minha família trabalhavam com Teatro (iniciado nos Centros Populares de Cultura) e eu também desenvolvi minha paixão por teatro. Trabalhava com pintura, posters, enriquecendo as paredes dos colégios com mensagens. Nesse período, também trabalhavam no Colégio Doroteias alguns professores que depois se tornaram docentes desta Faculdade. Lembro-me bem de Susana, Fernando, Aécio, Antônio Carlos, Lúcia e Terezinha Maciel, entre outros. Experiência interessante nesse período foi a contribuição em cursos de Educação Psicossexual para crianças e conferências para pais e mestres em vários colégios da Cidade. Era um trabalho gratificante e no qual poderia estar até hoje.

Nas décadas de 1960 e 1970, o meu grande campo de estudo e ensino foi a Psicologia da Educação. Havia sido aluna da Profª Lucia Dallago, com quem muito aprendi e que me despertou para esse estudo. Passei a frequentar todos os cursos de extensão sobre o assunto e a ler muito. Em 1969 fui aluna do Prof Leonel Pinto, com quem aprofundei ainda mais os estudos, sobretudo no que se referem à aplicação dos conhecimentos psicológicos aos estados emocionais, ao controle de agradabilidade e à obtenção, por mim, de um conhecimento sobre equilíbrio da ansiedade que muito me tem ajudado. A contribuição de Leonel na minha vida foi muito importante e ele talvez desconheça o quanto me ajudou.

Fui monitora, em Psicologia da Educação, dos professores Pe. Frota, Sarques, Layrton. Era representante estudantil junto ao Departamento, quando saí da Congregação das Doroteias. Foi um momento muito difícil na minha vida romper com os condicionamentos religiosos e

enfrentar o mercado de trabalho e a luta pela sobrevivência, por não querer depender do apoio familiar. A ajuda de Terezinha Maciel, Lúcia e Adil Dallago e Leonel Correa Pinto, foi fundamental, bem como a dos professores em DE que, só mais tarde vim a saber, tiravam uma parcela de seu salário que eu recebia na secretaria como "Bolsa" e em troca da qual eu desenvolvia trabalhos de apoio a eles. Participava de pesquisas com os professores Anchieta e Hélio, colaborava com o professor Gomes Pereira, então Diretor da Comissão para Desenvolvimento das Faculdades de Educação (CORDEFE), entidade a qual muito me dediquei naqueles anos. Presidi a 1ª Jornada Estudantil de Administração Escolar na qual Antônio Carlos Machado (Diretor) livrou-me de embaraços com órgãos de segurança nacional, e substitui a profª Teresinha Correa num Convênio da SUDENE com a UFC, viajando com Susana Vasconcelos e Maria das Graças Oliveira (da SUDENE) para o Maranhão e o Piauí na implantação da Reforma de Ensino da Lei 5.692/71. Concluído o Curso de Pedagogia, fui selecionada pelo Departamento de Ciências Sociais e Filosofia para ministrar Introdução à Psicologia no Básico e, em 1973, fui indicada por professores desta Faculdade para trabalhar na UNIFOR como professora e posteriormente como técnica da Unidade de Planejamento, Controle e Avaliação de Programas, onde desenvolvi excelente companheirismo.

O ingresso na UNIFOR significou o contato com o tecnicismo que até então mal conhecia, a aquisição de conhecimentos e experiências, o estabelecimento de grandes amizades que me acompanham até hoje.

O desejo de estudar, de aperfeiçoar-me que me levou a deixar o 2º grau transformou-se em busca pelo Mestrado em Educação a ser cursado, inicialmente, na França.

O Concurso para Auxiliar de Ensino em 1973, nesta Faculdade, mudou o rumo das coisas... Contratada em 20 horas, continuei o trabalho na UNIFOR e aqui passei a lecionar Psicologia na Licenciatura,

no Ciclo Básico, nas Licenciaturas em períodos especiais, no Curso Complementar de Formação de Professores das Disciplinas Especializadas, em equipes de supervisão de Prática de Ensino, etc.

No início de 1975, fui selecionada para cursar o Mestrado na PUC/RIO por ser credenciado pela CAPES e eu depender da Bolsa por ter 20 h, na UFC e ter de demitir-me da UNIFOR que, àquela época, não apoiava a saída de professores para pós-graduação. Em dois anos e meio voltei com título de Mestre e com a dissertação marcada pela temporalidade, refletindo a temática em voga na época. É bom recordar que, quando me submeti a concurso nesta Faculdade, eu ainda lecionava no Colégio Oliveira Paiva e no Capistrano de Abreu graças à indicação do professor Adil Dallago.

Durante o Mestrado, o País vivia o período de repressão e o Rio de Janeiro – inclusive a PUC – era uma caixa de ressonância dos acontecimentos e das lutas políticas. As contribuições dos professores Hilton Japiassu e Lourdinha Fávero foram fundamentais a uma compreensão maior da realidade social e educacional, o que deu prosseguimento a um trabalho de conscientização que recebeu na graduação nas aulas da prof^a Célia Guabiraba.

A intensa participação em seminários, movimentos, na vida cultural do Rio, em Psicodrama, uma rápida terapia analítica, curso de desenvolvimento pessoal com Pelletier, transformaram-me.

Ao voltar à FACED, no segundo semestre de 1977, eu era outra na concepção que tinha da escola, do ensino, da sociedade e da minha própria prática como cidadã e educadora. Estava então com 40 h, de trabalho. O salário era baixo e precisei trabalhar à noite na UNIFOR, então exclusivamente em cursos/seminários para professores desta. Foi nessa experiência que construí amizades que até hoje me são caras e por que não dizer, com José Borzacchiello da Silva.

Conhecer o José, viver com ele foi e é uma experiência rica e fascinante. Com ele descobri e tenho construído o amor ao outro como existência concreta e, por esse amor, sou convidada a sair de

mim mesma, ultrapassar minhas forças, meus limites e encontrar nele aquilo que me falta para existir mais plenamente. Juntos, descobri uma Fortaleza que eu olhava mas não via, uma sociedade que eu constituía mas não compreendia. Com ele, comecei a participar ativamente dos movimentos sociais e das lutas maiores, como campanhas eleitorais, ecológicas, pelas "diretas já" etc. A sociedade brasileira efervescia e reeduquei-me para uma nova prática, inclusive de revisão dos conteúdos e adesão aos conteúdos críticos. Continuei, entretanto, aplicando os meus conhecimentos humanistas adquiridos não só na Pedagogia católica, na Psicologia e Escolanovismo, mas também no conhecimento do Rogerianismo. Sempre privilegiei o educar, conviver com o aluno, transmitir-lhe experiências inclusive de vida pessoal e não só ensinar, instruir. Isso fez com que durante minha vida de professora jamais tivesse situações desgastantes na sala de aula. Também os conhecimentos técnicos (sobre avaliação, por exemplo) sempre consegui usá-los e aliá-los a conteúdos críticos. Realmente eu sempre buscava uma síntese em tudo o que conhecia, visando a melhorar a qualidade do ensino. Desde a adolescência, eu havia aprendido máximas de santos que muito me ajudaram como "(...) pouse, como abelhas, em todas as flores, mas só tire de cada uma o que lhe convém" ou "pega-se mais moscas com uma colher de mel do que com um barril de vinagre". Durante vários anos, fui escolhida pelos concludentes como paraninfa ou patrona. Para os jovens colegas que chegam agora, dou-lhes um segredo: dedicação. É incrível como o ser humano é sensível à dedicação. Dizia o prof Sá Barreto, na minha adolescência: "O ser humano se ajoelha diante da santidade, inclina-se perante a ciência, mas só se entrega à bondade". Minha paixão pelo ensino foi tão grande e deu-me tanto prazer que muitas vezes quase me senti culpada em ser paga para ensinar, julgando que talvez eu devesse pagar para ensinar. Isto levou-me também a gostar de trabalhar com Treinamento de Pessoal sempre que essas experiências não conflitassem com minhas obrigações de

docente. Em uma delas, com os DAI da UFC, surgiu a ideia dos servidores solicitarem ao Reitor representação no Conselho Universitário, até então, algo impensável. Se não me engano, a UFC foi a primeira a inovar nesse sentido. E esse grupo constituiu a primeira diretoria do que viria a ser a ASAUFC.

Tenho procurado na minha vida ver o lado bom das coisas, das experiências. As discussões e confrontos havidos na Faculdade, ainda que dolorosos, em mim deixaram um saldo positivo pela aprendizagem que realizei como gente, cidadã e professora.

O ingresso na ADUFC, por influência sobretudo de Helena Cartaxo que, delicadamente, insistentemente, convidava-me para as atividades da Associação, tem tido um significado importante na minha vida.

A “universidade” concretizou-se para mim nas práticas das reuniões, assembleias e campanhas da ADUFC, onde, certamente, se passa a ter uma visão melhor da Instituição, convivendo com colegas de áreas e posições diferentes. Não posso desprezar o caráter educativo das próprias greves, pelo menos na minha história pessoal. Sou grata à Helena Cartaxo pela insistência em me levar para o movimento docente.

Após o Mestrado, por necessidade do Departamento, passei a ensinar Didática, Didática do Ensino Superior em vários Cursos de Especialização e Mestrado, Orientação Vocacional – assunto de minha dissertação – e supervisão de Prática de Ensino. Inúmeras vezes viajei para dar cursos desta Faculdade, ora em Roraima, Crato ou em João Pessoa. Sempre procurei contribuir em todas as atividades desta Faculdade, quer como estudante, quer como professora. Minha carga horária média sempre foi 14 horas/aula e isso, lamento hoje, inviabilizou a minha dedicação à pesquisa. Além de professora, fiz parte do colegiado da Coordenação do Curso de Pedagogia, chefei o Departamento de Teoria e Prática entre 1984 e 1986 e, finalmente, em 1987, mesmo não estando nos meus planos, assumi a Direção

da Faculdade, eleita que fui num pleito paritário disputadíssimo, que todos acompanharam.

Muitas habilidades que me dão prazer – escrever, ler, pintar, costurar - foram sacrificadas pelas atividades destes anos. A aposentadoria aos 30 anos de trabalho, que mais precisamente são 35, surge como um convite à liberdade, à possibilidade de tempo para pensar, para refletir e realizar outras atividades que também dão prazer.

Posso dizer que ser Diretora desta casa foi uma experiência muito rica e gratificante, e o foi sobretudo pela oportunidade de vivenciar uma administração participativa, amiga, sobretudo com Laura Vieira com as coordenações de Curso e alguns Departamentos. Se foi uma experiência rica nem sempre foi fácil. A crise que atravessava o País e a Universidade e que se agrava a cada ano, retirando recursos para a educação, torna o trabalho de um dirigente difícil. No âmbito da Universidade, não podemos desconhecer as dificuldades do "corporativismo" que às vezes sacrifica a instituição. A burocracia – traduzida em papéis, assinaturas, reuniões numerosas – retiram o tempo precioso que deveria ser gasto sobretudo com as atividades-fim da Instituição. Aliam-se a essas dificuldades os problemas de relacionamento interpessoal sobretudo entre funcionários, e que sempre precisamos intermediar. Há o "terrível cotidiano" de ver se os prédios estão limpos, se todos estão no trabalho, se o que foi determinado dias atrás já foi feito. Perde-se, para ser sincera, um tempo imenso por omissão de servidores e professores que não cumprem seus compromissos com a Instituição. Tem-se que, muitas vezes, intervir para resolver uma situação, colocando a Instituição acima dos próprios sentimentos. Exigem de nós muita paciência com aqueles que insistem em não vislumbrar o todo, parecendo se sentirem incomodados, percebendo o poder como mando e não como expressão de manifestação coletiva; paciência com aqueles que, absorvidos pelo legalismo, confundem às vezes o essencial com o acessório.

Por isso, sou muito grata a todos aqueles que, compreendendo essas questões tiveram paciência e compreensão com as nossas atitudes.

Dei a esta Faculdade o melhor de mim e, se não ofereci tudo o que todos necessitavam, foi por limitação pessoal e dificuldades conjunturais.

Dá-me alegria ter tido o discernimento suficiente para não confundir minha ação de diretora com a intensa participação política na ADUFC e conseguir respeito e prestígio nos colegiados de Universidade, mesmo quando defendia posições diferentes daquelas da Reitoria.

E se "envelhecer é enternecer-se" (Tristão de Athayde) creio que envelheci, na ternura que sinto por vocês, meus amigos, neste momento. Aposentar-me entretanto, como o faço em meio a uma das crises mais graves do Brasil significa, antes de tudo, continuação da luta pela educação e pela justiça social, e é nesse sentido que a aposentaria, para mim, não é um ponto de chegada mas um ponto de partida.

Fortaleza, 18 de setembro de 1991